



 **Revista**
O NAVALHISTA

n°01 - verão 2024-25

BO
RA
NA
VA
LH
AR



EDITORIAL

A primeira vez que trabalhei num texto a metáfora de que palavras são *objetos cortantes* foi no dia 21 julho de 2020. Minha mãe havia me chamado para ir a um dos terrenos do coroa. Enquanto catávamos um cozinhado de feijão-de-corda, me veio a ideia de que palavras são canivetes. Não só enquanto objeto-lâmina, mas também duplicando e estendendo a metáfora para uma gíria regional: canivete é a vagem do feijão que ainda não está madura, está verde demais para ser colhida. É preciso todo um manejo para saber qual vagem é ou não canivete, antes de colher. Naquela tarde, em que o cheiro de morte por COVID 19 chegava até o sertão, percebi que com palavras não é diferente. O conto saiu no meu primeiro livro, o *Sete domingos por semana*.

Em 2021 tentei tocar um projeto literário que se chamava Literatura & Outros Blues. A ideia? A de sempre: colocar à disposição mais um espaço para propagar literatura nacional contemporânea. Publicamos muita gente boa, mas o projeto arrefeceu logo no início do ano seguinte. A faculdade e suas imposições. No dia 16 de agosto 2023 retomo a ideia. Novo fôlego, novo nome: surgia O Navalhista. E o nome vem dessa reflexão que fiz sobre palavra como objeto cortante, ao mesmo tempo que ouvia Belchior me norteando que “palavras são navalhas”. Quem escreve, quem lida com esses objetos cortantes, é navalhista.

A ideia da revista sempre teve raízes fundas em minha cabeça. Depois de meses estudando e maturando a coisa, surgiu o chamado para a Revista O Navalhista. Aqui estamos, nossa primeira edição. 20 navalhistas demonstram sua arte de manejar navalhas-palavras. Poesia. Conto. Crônica. Traduções. Entrevista. Enfim, espero que gostem do resultado tanto quanto eu. Desfrutem. Bora navalhar?

O Editor

SUMÁRIO

Editorial.....	3
Evandro Affonso Ferreira.....	5

VERSONAVALHA

Duda Junqueira.....	8
Brenno Costa.....	9
Mariana Artigas.....	10
Gisela Maria Bester.....	11
Humberto Pio.....	12
Adriana Massocato	13
Vitória Gabriela.....	14
Mariana de Maria.....	18

TRADUZIRNAVALHA

Catulo [Izis Dellatre].....	22
Otto René Castillo [Matheus Peleteiro].....	23
Kay Sage [Luciana Moraes].....	25

PROSANVALHA

D B Frattini.....	27
Thainá Carvalho.....	29
Yann Maia.....	30
Victória Rincon.....	33
Julio Pattio.....	35
Brenda K. Souza.....	38
Pedro Jucá.....	41

ENTRENAVALHA

William Eloi x José Nascimento.....	44
-------------------------------------	----

NAVALHISTAS

Editor
Aliedson Lima

Arte da capa
Thainá Carvalho

Diagramação e projeto gráfico
Aliedson Lima

revistaonavalhista@2024
todos os direitos reservados

Redes:
@revista.onavalhista
www.revistaonavalhista.com

“

PA
LA
VRAS
SÃO
NA
VA
LHAS

Belchior

EVANDRO AFFONSO FERREIRA

A leitura do *Perdeu vontade de espiar cotidianos* me entusiasmou bastante. Tanto que até parei para escrever sobre o livro. Mais que isso: a resenha foi parar no site. O link foi parar no zap de Evandro. Ele leu meu texto e disse ter gostado. Começamos a falar sobre literatura, em especial sobre a sua. Em algum momento, falei sobre a revista. Ele não se empolgou nada com a ideia, demonstrando até mesmo certa aversão. Mas acabou por ser bastante generoso ao me propor publicar uma “brincadeira”. A brincadeira que segue é de um dos maiores navalhistas em atividade. Se eu tivesse que nomear, chamaria de *Navalbadas exemplares*. Em seguida, não poderia deixar de trazer na íntegra a resenha sobre seu livro.

*

E o mundo moderno, contemporâneo, você acompanha tudo?

Não, eu sou alienado. Mas não sou tão alienado como vocês pensam. Eu sei que o mundo fica a duas quadras daqui.

Sua vida é boa? Ruim?

Péssima. Mas tudo que é ruim pra vida é bom pra literatura.

Você acredita em Deus?

Sou hipócrita: quando estou com amigos eruditos digo que sou ateu, mas quando estou sozinho, com o coração batendo descompassado, rezo.

Você lê muito...

Tudo. Releio muito. Pelo menos vinte, trinta autores preferidos. Sempre releio Hilda Hilst, Cornélio Penna, Bruno Schulz, Lúcio Cardoso,

Herberto Helder, Étienne Gilson, Borges, Hermann Broch, Robert Musil, etc.

Você nasceu em Minas?

Sim. Cidade pequena. Era pequena, hoje quase uma metrópole. Mas eu, eu continuo sendo meu próprio lugarejo.

*

“Viver é apenas um pequeno hábito”: hipóteses sobre *Perdeu vontade de espiar cotidianos*, de Evandro Affonso Ferreira

“*Viver? Nunca estarei preparada para esta emboscada*”, é o que diz a personagem de *Perdeu vontade de espiar cotidianos* (Editora Nós, 2023), num dos raros momentos em que de fato ela se coloca no texto. Apesar de cada página ser sobre a tentativa (vã?) de apresentar essa personagem, pouco se sabe sobre. Sabemos que se trata de uma senhora com 86 anos, que mora sozinha num casarão abandonado, vivendo sob o peso e efeito de um certo acontecimento. Ainda era bem jovem, mas ele está ali: norteando cotidianamente seus desvarios-mergulhos metafísicos.

E por falar em metafísica, lembremos por alto o conceito de ontologia. Partindo de sua etimologia, do grego: *ontos* (ser) e *logia* (estudo). O ramo geral da metafísica que se debruça sobre as questões gerais relacionadas ao significado da existência e do ser. Evandro Affonso Ferreira põe no centro de sua narrativa uma quase nonagenária senhora que, “com seu olfato metafísico”, “especializou-se em afagar abstrações para estancar, arrefecer urgências”. Na varanda, a cadeira de balanço é de tal importância que é o único móvel da casa que conhecemos.

Aliás, não passamos da varanda. Porque o espaço físico não tem a menor importância para o desenvolvimento da narrativa. Essa que é uma narrativa-mergulho nos mergulhos metafísicos de “nossa antológica personagem” — termo que aparece dezenas de vezes no livro. Seguidas tentativas de nos fazer adentrar na mente de alguém que por vezes adota a postura niilista de negar o seu entorno em função do seu “laboratório abstrato”. Seus pensamentos. Suas inquietações sobre o entendimento de si e do outro. E aí reside sua força. Sua resiliência “estoica” — outro conceito caro ao texto de Evandro. É daí que não sabemos se chegamos a conhecer de fato “nossa antológica personagem”. Não conseguimos transcender ao campo das possibilidades. “Hipóteses. Somos todos narradores de infinitas pressuposições.”

Sobre o texto em si, fica a cargo do leitor decidir se estamos diante de uma leitura fácil ou não. Como sabemos, uma das características do autor é fazer uso de um vocabulário mais rebuscado, usando aqui e ali palavras pouco usadas em nosso cotidiano. Sim, o leitor pode precisar ir ao dicionário duas ou três dezenas de

vezes durante a leitura. Eu fiz isso pouquíssimas vezes. Não que eu tenha familiaridade com todas as palavras usadas. Acontece que ficar parando para correr atrás do significado compromete mais o entendimento da obra do que não confiar na intuição de leitor, já que na maioria das vezes o contexto entrega o significado da tal palavra. Mas é importante frisar: com o entendimento de algumas palavras-chave a leitura fica mais fluida. Some-se a tudo isso o fato de não termos propriamente um enredo. O narrador tentar fazer o leitor mergulhar nos mergulhos da “nossa antológica personagem”. O que, pra mim, o entendimento de uma ou outra palavra não vai comprometer a leitura.

O texto é curto. Um romance de 85 páginas. Sim, o gênero novela vai acabar. Não se fará necessária essa denominação. São as urgências de nosso tempo. E ainda sobre nosso tempo: vale lembrar que *Perden vontade de espiar cotidianos* é semifinalista do Prêmio Oceanos. Não me surpreenderia se a “antológica personagem” de Evandro Affonso Ferreira levasse o prêmio.

VER
SON
AVA
LHA

DUDA JUNQUEIRA

Malhando judas

olhos molhados no espelho
– foi uma mulher melhor
porque não se calhou a dar conselhos

que me valha ser velha?
meu brilho falha
na agulha do palheiro

BRENNO COSTA

Admirável ano novo

- I.
tampar o mar com a tampa de ferro dos esgotos
- II.
amamentar o bebê robô
do smartphone com peito de silicone
- III.
colher a fruta que brota
do tronco de metal do laboratório
- IV.
ver que o vira-lata é um gato feito de latas
- V.
descobrir
que o poema sujo (1975) é uma distopia cyberpunk

MARIANA ARTIGAS

Espelho d'água

quero parir um corpo cheio de desejo,
aos poucos vou me desvencilhando
do meu reflexo, da minha imagem.
um frame por segundo, hamlet na tela.

finalmente, meus olhos amanhecem.
/laurence olivier/

elena, se a vida é simples do que é
que eu tenho medo?
sou como ofélia, mergulhada
nos lírios de monet.
assim, pálida e enlouquecida.

estou submersa no meu próprio vazio,
danço descalça à beira da praia.
uma agonia diabólica, felicidade clandestina.
rosas, narcisos e lírios flutuando
cinnamon girl, artemisia vulgaris,
caixa torácica.

nuances esverdeadas tomam conta do
meu corpo.

*I'm dancing barefoot
heading for a spin*

tons arroxeados dominam os meus
poros.

o início da manhã segue feroz
*some strange music draws me in
makes me come on like some heroin/ e*
fitando a luz solar tremular na água,
desfaleço,
assim, como uma ave que rejeita o voo
e com urgência
queimo no meu próprio mistério.

GISELA MARIA BESTER

Carcaça

terra de todos
reduzida a restolhos, nossos ossos plúmbeos
fusionados na fétida e insuflada ganância da
gente arrogante, arrotando cifras que engolem
fumaças fomes feridas

planeta de ninguém, um pranto
encoberto pelo cinza manto
que veio do golpe à vida

HUMBERTO PIO

POITA

sujeito

dorme

toma cerveja

come lanche

abastece carro

para pra mijar

ao atraso

a tudo isso

à espera

objeto

ADRIANA MASSOCATO

religião

No que acredita?

No que doer menos.

*

morto ou vivo

Os mortos sempre caem.

*

diálogo

Se não tem nada a me oferecer

Ofereça-me o nada.

*

Tu para mim

existe e não existe.

É meu 29 de fevereiro.

*

imagem de uma ausência

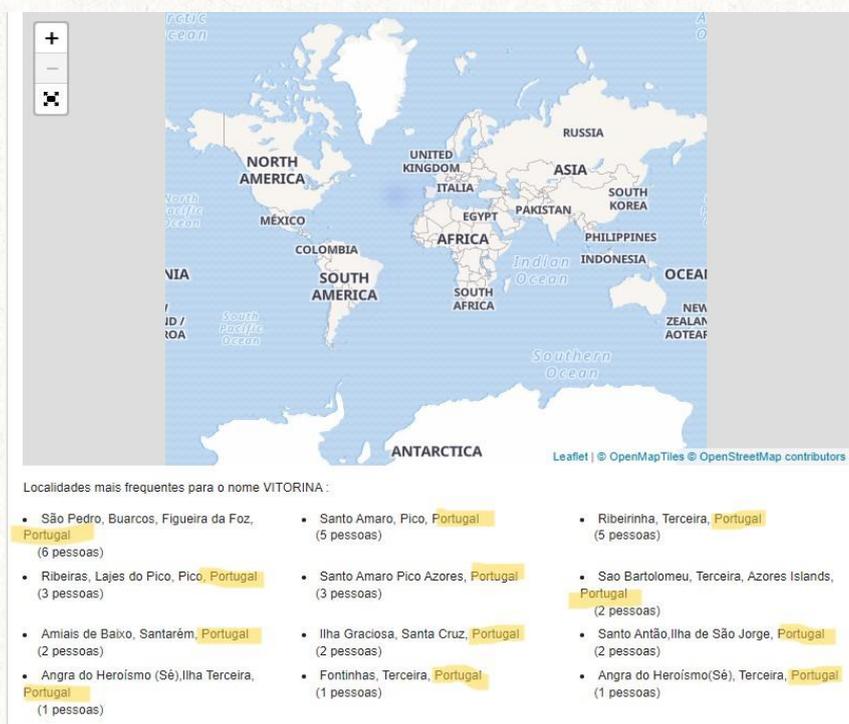
Teu nome pichado no muro

antes da demolição.

VITÓRIA GABRIELA

Dedicado à raiz do meu nome

*Pelos filhos da violência;
bebês que foram fetos em úteros
que vieram de úteros
que vieram de úteros
que gestaram sangrando.*



I. Embora sua filha já não se recorde
onde guardaram seus ossos
ela me assegurou que sua ausência continua a espaçar
os dias e os sentidos como o vazio espaça embaixo dessa letra que nos difere, o n de nada.
E é uma piada
sem graça
já que nada é tudo que eu tenho de você.

Além de algumas histórias, um retrato imaginário foi me dado pelo o que minha avó diz: Que você
era como ela é, que ela te vê quando se vê.

Com exceção dos olhos claros, lábios e nariz magros que ela tem e você não tinha.

Sem surpresa mas com medo
eu ligo os pontos que esses traços levam embora o desenho saia abstrato eu entendo o que ele significa.



II. Por que você fugiu?
A menina, sua filha aquela que sobreviveu
até hoje lamenta não ter aprendido ler e escrever
já que você a levou para o interior do interior onde só haviam poucas pessoas além de vocês.

Eu me preocupo se
o dono da versão masculina do nome dela
foi o motivo da fuga.

O que faz uma mulher com duas crianças ir até uma extremidade do estado sozinha?

Eu me preocupo, Vitorina.

Pois embora por causa de uma morte
angustiosa
você não pôde ver
mas ela também precisou fugir
com o dobro de crianças, sozinha.

Eu me preocupo, Vitorina.

Pois embora por causa de uma doença misteriosa
você infelizmente passou seus últimos anos
sem a visão
mas eu sei que podia sentir a tensão das lágrimas
da sua filha
como sabia sentir o desenho
das notas de esmolos.

III. Toda vez que nascia um menino você pedia para anotarem
o dia, o mês e o ano
já que sabia que até ter dinheiro para comprovar que nasceram, que existiam
muitos erros poderiam acontecer
como aconteciam.



IV. Eu me pergunto o nome da filha que perdestes

minha avó era muito nova
para se lembrar de algo além do luto
porém você deve ter levado esse fantasma até o túmulo.

Eu me pergunto tanto.

Sei que pessoas da nossa linhagem
não foram selecionadas para serem achadas em pesquisa no google
e sim, já passei no perímetro da sua cidade muitas vezes
e não, nunca entrei
atrás daquelas portas nada me aguarda
décadas passadas provavelmente gritam abafadas
no concreto moderno
algo que me interessaria
mas bocas mortas não contam histórias.

Apesar de certa forma eu ter nascido lá quando você nasceu
já que desde a infância
minha mãe guarda esse nome que me destes para carregar
essa variação do seu.

Quem dera pudesse eu não estar aqui
atrás de um teclado com o crânio guardando nada além
de interrogações e inveja daqueles que possuem
mais do que contos de língua-para-língua
possuem longos corredores de retratos em preto e branco
& documentos autenticados.

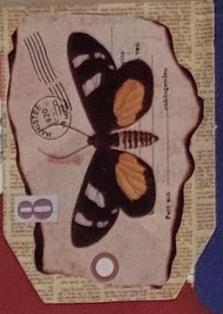
Pois em mim há você de alguma forma
que eu jamais serei capaz de saber.

MARIANA DE MARIA



Maneiras de resistir

L



que ficou inacessível por meio século

em p...
o, disponível
bens, impostos
or... se

os resíduos do verbo

tecem farras na memória

testura magnífica

de estranho e familiar deixo



Recuperar as

esquecidas

memória

o ancestral:

assim falou

INSPIREÇÃO

PERMANENTE



This is a complex collage artwork. It features a central black and white photograph of two indigenous women with traditional body paint and headbands. To the right, there is a collage of a woman holding a plant, a modern apartment building, and a colorful urban neighborhood. On the left, there is a faded sepia-toned photograph of three indigenous people. The entire composition is set against a background of torn paper in shades of orange, blue, and red, with a red string weaving through it. Several text labels are scattered throughout, including 'Recuperar as esquecidas', 'memória', 'o ancestral:', 'assim falou', 'INSPIREÇÃO', and 'PERMANENTE'. There are also decorative elements like dried leaves and flowers on the left side.



TRAD

DUZI

RNAV

ALHA

75.¹

*HVC est mens deducta tua mea, Lesbia, culpa
atque ita se officio perdidit ipsa suo,
ut iam nec bene uelle queat tibi, si optima fias
nec desistere amare, omnia si facias.*

75.

por culpa tua a minha mente, Lésbia,
de devoção sitia descaminhos
nem bem te quer se tu devéns perfeita
nem mal te quer se fazes como queiras.

¹ Publicado pela primeira vez em Amores: uma coletânea de epigramas greco-romanos. - Curitiba, PR: Ed. dos Autores, 2024. Vários autores. Vários tradutores.

OTTO RENÉ CASTILLO por MATHEUS PELETEIRO

Intelectuales apolíticos

*Un día,
los intelectuales
apolíticos
de mi país
serán interrogados
por el hombre
sencillo
de nuestro pueblo.*

*Se les preguntará
sobre lo que hicieron
cuando
la patria se apagaba
lentamente,
como una hoguera dulce,
pequeña y sola.*

*No serán interrogados
sobre sus trajes,
ni sobre sus largas
siestas
después de la merienda,
tampoco sobre sus estériles
combates con la nada,
ni sobre su ontológica
manera
de llegar a las monedas.
No se les interrogará
sobre la mitología griega,
ni sobre el asco
que sintieron de sí,
cuando alguien, en su fondo,
se disponía a morir cobardemente.*

Intelectuais apolíticos

Um dia,
os intelectuais
apolíticos
do meu país
serão interrogados
pelo homem
mais simples
de nosso povo.

Serão questionados
sobre o que fizeram
quando
sua pátria se apagava
lentamente,
como uma doce chama,
pequena e solitária.

Ninguém lhes perguntará
sobre seus trajes,
nem sobre seus longos
cochilos
depois da merenda,
tampouco sobre seus inférteis
combates contra o nada,
nem sobre sua ontológica
maneira
de conseguir dinheiro.
Ninguém lhes questionará
sobre a mitologia grega,
nem sobre o asco
que sentiram de si,
quando alguém, em suas costas,
dispunha-se a morrer covardemente.

*Nada se les preguntará
sobre sus justificaciones
absurdas,
crecidas a la sombra
de una mentira rotunda.*

*Ese día vendrán
los hombres sencillos.
Los que nunca cupieron
en los libros y versos
de los intelectuales apolíticos,
pero que llegaban todos los días
a dejarles la leche y el pan,
los huevos y las tortillas,
los que les cosían la ropa,
los que le manejaban los carros,
les cuidaban sus perros y jardines,
y trabajaban para ellos,
y preguntarán,
"¿Qué hicisteis cuando los pobres
sufrían, y se quemaba en ellos,
gravemente, la ternura y la vida?"*

*Intelectuales apolíticos
de mi dulce país,
no podréis responder nada.*

*Os devorará un buitre de silencio
las entrañas.*

*Os roerá el alma
vuestra propia miseria.*

*Y callaréis,
avergonzados de vosotros.*

Ninguém lhes perguntará
sobre suas justificativas
absurdas,
crecidas à sombra
de uma mentira evidente.

Neste dia, virão
os homens simples.
Aqueles que nunca couberam
nos livros e versos
dos intelectuais apolíticos,
mas que chegavam todos os dias
trazendo-lhes o leite e o pão,
os ovos e as tortilhas,
os que costuravam suas roupas,
os que manejavam seus carros,
os que cuidavam dos seus cães e jardins,
e trabalhavam para eles,
e perguntarão,
“Que fizestes quando os pobres
sofriam e neles se queimavam,
gravemente, a ternura e a vida?”

Os intelectuais apolíticos
do meu doce país,
não serão capazes de responder nada.

Um abutre de silêncio lhes devorará
as entranhas.

As suas próprias misérias
farão corroer as suas almas.

E eles se calarão,
envergonhados de si próprios.

Pegasus

*I'm riding for a fall
and I know it
and I don't care at all
and I show it.
I'm riding for a fall
with an awful clatter;
but if it didn't hurt at all,
would it matter?*

Illusions

*There was an old woman
who hadn't a thing to wear
except holes.
So she sewed the holes together
and she dressed herself with care;
but people passed her in the street
as though she were not there.*

Pegasus

Cavalgando rumo à queda
e eu percebo isso
e nem me importo com ela
e eu provo isso.
Cavalgando rumo à queda
com terrível gritaria;
mas se não doesse a queda,
de que isso valeria?

Ilusões

Havia uma velha mulher
que não tinha o que vestir
exceto buracos.
Então ela costurou os buracos
e se vestiu toda com cautela;
mas passavam por ela na rua
como se, lá, não estivesse ela.

PRO

SANI

AVAN

LHA

A filosofia dos peludos [conto]

Meu nome é John Könyvek, filho de húngaros. Sou sebista. Meu estabelecimento é especializado em livros jurídicos e em Filosofia Alemã. Negócio de família. Sempre estive aqui, às vezes penso que nasci aqui. Com apenas vinte e dois anos perdi pai, mãe e duas irmãs gêmeas ainda adolescentes. Um acidente terrível: o carro e os corpos carbonizados. Eu? Estava aqui trabalhando e continuo enraizado no mesmo endereço. A vontade de banhar a loja com alguns litros de gasolina e riscar um fósforo foi enorme. A vontade ainda não passou: trinta anos de luto; um nojo absoluto sobre todas as alegrias possíveis. Sei, ou melhor, não sei de mais nada, os jovens sabem tudo, pessoas na minha idade começam logo a entender e saborear suas próprias ignorâncias, tolices imponderáveis perdem o sentido. Não estão mais aqui, os fantasmas não estão nem aí. Mas, foi o que restou, não espero muita coisa. Sobrevivo do talento mecânico de bom comerciante herdado de pai, mãe e avós húngaros. Um Könyvek lutando para não atear fogo e controlar a umidade das circunstâncias.

Duas semanas atrás recebi um telefonema sobre a morte do Senhor Szakáll, a morte aconteceu dentro de sua biblioteca. Mais de noventa anos de pura sabedoria, um homem bonito, um velho assim fisicamente quadrado, imigrante húngaro como meus pais. Szakáll veio trabalhar com comércio exterior e acabou por aqui. Grande admirador de Filosofia Alemã de qualquer época. Visitava meu sebo com regularidade, um dos meus clientes mais assíduos. Dona Mafalda, sua esposa, deu a notícia e me pediu para “acabar” com a biblioteca de Szakáll: *“Quero o lugar limpo! Vendo os livros baratinho para você, o Szakáll era seu amigo.”*

Entrei na biblioteca e logo senti o aroma do fumo de cachimbo: uma mistura inglesa levemente adocicada e defumada; um fumo caro. O cheiro impactou e fui assombrado pela tristeza da perda do amigo. Criamos e suportamos a sorte e o azar, todos fadados à efemeridade, ao exato. Ficam os perfumes, as cores, os sons, as lembranças dos gestos, os acentos pessoais espalhados pela memória. Dentro da rica biblioteca, retiro os volumes colecionáveis das prateleiras e, de repente, uma curiosidade escondida no meio dos livros de Schopenhauer: enfiadinha, encontro uma revista pornográfica gay, homens peludos cobertos de risquinhos de caneta imitando pelos com perfeição. Retiro os volumes da prateleira de Kant e puxo mais cinco revistinhas. Nietzsche e outras quatro mais pesadas. Entre os exemplares de Benjamin, dez publicações bem rabiscadas. No meio da obra de Karl Marx, uma enxurrada de quinze revistinhas com rapazes antes depilados e agora encabelados pela caneta adestrada. A escatologia cada vez mais pesada: Löwith, Scheler, Hölderlin, Natorp, Adorno, Schelling; e os homens estranhamente rasurados e escondidos, enfiados no meio da Filosofia Alemã. Surpresa? Não sei, não importa: o Senhor Szakáll possuía alguns dotes artísticos, lembro que gostava de pintar retratos. Não tenho nada para cogitar, não sei sequer se as revistas eram dele. Os verbos do Senhor Szakáll agora fazem parte do passado. Separei os livros em pilhas pelo chão e coloquei as revistas sobre a escrivania cobertas por um Atlas para deixá-las longe dos olhares atentos de Dona Mafalda. Não gosto de conversa fiada nem de constrangimentos, as revistas podem criar alguma polêmica por aqui. É melhor

deixá-las assim cobertas. Uma das publicações pornográficas com um grupo de homens ruivos pode ser considerada uma obra de arte tamanhas as intervenções da caneta tinteiro com tinta vermelha — além dos pelos, o artista resolveu tatuar os ruivos com desenhos simbólicos típicos: dragões, leões e serpentes que se enroscam pelas coxas musculosas e rodeiam suas ereções alegóricas; os pênis eretos terminam pousados sobre a pele de seus peitorais volumosos e peludos graças ao talento da caneta afiada do mestre. A viúva entraria pela biblioteca de um momento para o outro, sem avisos, sem campainhas ou batidas na porta. Realmente entrou: “*Então?*” Apontou as pilhas de livros espalhadas pelo chão: “*Vale algum dinheiro?*”

Respondi que precisaria de cinco viagens para retirar todos os livros de lá. Classificar e

encaixotar a mercadoria daria algum trabalho. Informei sobre minhas anotações para a avaliação final das edições, o valor seria justo. Dona Mafalda apontou a pilha de revistas embaixo do Atlas, seu gesto não revelou nenhum mal-estar. A senhora segurava um pires com uma xícara de café quente. Fez um movimento certo e me entregou o cafezinho com um sorriso suave enfeitando seu rosto octogenário ainda bonito e cheio de vida. Voltou a apontar a pilha de revistas pornográficas. Caminhou até a escrivaninha e levantou o Atlas para dar uma boa olhada no conjunto de publicações despudoradas: “*O material aqui vale alguma coisa?*” Respondi: “*Sinto muito, as revistas estão rasuradas.*” Lançou-me mais um sorriso delicado: “*Meu marido devolve os pelos aos homens, Szakáll odiava rapazes depilados. Amava os peludos.*”

THAINÁ CARVALHO

O sumiço

Olhou pela janela, quase surpresa. Não via o céu há semanas. Não porque estivesse doente ou confinada, era apenas muito ocupada. Mas isso não era nenhuma espécie de sacrifício, um tormento que esfregava na cara dos outros como desculpa para ser quem era. Ela gostava de não se perceber ao longo do dia entre uma miríade de tarefas, apreciava o esquecimento da corrida do tempo. Às vezes, antes de dormir, sequer lembrava o que fizera pela manhã. E tinha a sensação de que isso sim era viver, se dedicar a tudo sem perder nada. Fazia aquilo que amava e aquilo que odiava com a mesma intensidade. Extremista, não se permitia a pausa sem que ela fosse produtiva de alguma forma. O descanso absoluto podia realmente ser inútil. Ela mesma nem precisava assim parar de fato, estava acostumada a ser multitarefa. O tempo requeria habilidade e estratégia para ser administrado. E olhe que nem tinha filhos, não conseguia nem imaginar a loucura que seria se fosse mãe. Do jeito que sua vida estava, era ótimo. Não morria de amores pelo trabalho e se estressava muito ao longo de algumas horas extras inevitáveis, mas ganhava bem. Sua irmã não admitia, mas tinha inveja. Às vezes, ela ligava pra pedir dinheiro emprestado e ainda tinha a audácia de julgar. “Adelaide, você precisa dar uma pausa nessa correria. A vida não é isso”. E era o que? O caos de uma casa com 4 gatos, 1 cachorro, um

marido incompetente e uma criança desenhando nas paredes? A vida de sua irmã era mais ou menos isso, ou seja, completamente jogada fora, enquanto a sua era irretocável. Ia pra academia quatro vezes na semana e fazia ioga. Nos fins de semana, corria no parque, um ótimo lugar pra conhecer homens com potencial – ou sem, ótimos para um sábado à noite. E quem olhasse, diria que ela não tinha tempo pra se divertir. Pelo contrário, nunca deixava de lado a vida social. Era ali em um *happy hour* depois do expediente que se aproximava das oportunidades perfeitas. É verdade que tinha dias que dormia só duas ou três horas, mas dava conta. Sempre dava. A hipótese de não conseguir algo era a própria desistência em curso, um descaminho. Ela sempre conseguia. Justamente por isso, vivia se metendo em novos projetos e tinha todo tipo de aula. Esse ano, com certeza, iria tentar o doutorado. Era só mudar o horário da aula de violino e acordar mais cedo pra preparar o almoço, que daria pra encaixar a universidade no turno da noite. Era tudo uma questão de adequar o tempo a si, muito simples.

Parece que foi no dia 03 de julho de 2023 que Adelaide, pela primeira vez, não deu conta. Desde então, ninguém nunca mais a viu.

Crônica de um solitário [crônica]

Estou prestes a completar 28 anos de idade e há pelo menos 25 me percebo como um corpo que procura seu próprio lugar entre o curso natural da vida e todas as coisas que parecem me puxar para fora deste mundo. É próprio do humano exigir explicações, querer entender os motivos, compreender os processos e aceitar as consequências. Nossos instintos de sobrevivência nos avisam desde muito cedo que, se quisermos estar nesse mundo vivos, precisamos perceber o que nos cerca e, logicamente, como tudo nos afeta, para aí então agirmos com o fito de nos mantermos íntegros.

Se você, assim como eu, foi um ser presenteado com uma sensibilidade exacerbada desde o nascimento, esse texto é uma conversa que se direciona mais diretamente a você. Veja, não é como se o que explico aqui não possa ser eventualmente entendido por sujeitos que considero os sujeitos de grande sorte, aqueles que são um pouco mais alheios aos sons das cores. Entretanto, desejo me comunicar com quem sente o mesmo que eu, embora eu admita facilmente que isso se trata de algo impossível. Antes de mais nada, gostaria de deixar clara a importância de refutar a ideia que nos faz acreditar que sentir muito e de forma consciente não é um talento, quando na verdade essa é uma habilidade que nos deixa distantes de boa parte da população. Portanto, não acredite que sentir demais é inútil. Sentimento coordenado é uma fonte inesgotável de poder. Gostaria de falar mais sobre isso, mas o assunto não vem ao caso agora. Ando me debruçando sobre essa

questão no romance que estou escrevendo atualmente.

Sendo assim, admito que ninguém é capaz de captar, com o meu sentimento, aquilo que digo, como também jamais serei capaz de captar eu mesmo um sentimento tão particular de alguém que por ventura me leia. Interprete esse texto mais como uma tentativa minha de conversar com aquilo que é seu e que eu jamais compreenderei. Para isso mostrarei o que você jamais irá compreender de mim. Chamarei isso de ‘coisa’ — uma entidade secreta, inominável, mas com contornos mais ou menos claros. Nós que sentimos demais naturalmente temos um desafio muito maior nas mãos no que diz respeito a organizar essa ‘coisa’ e por isso peço que vocês olhem para a ‘coisa’ de vocês enquanto falo sobre a minha.

A “coisa” de que falo vem de uma memória que tenho sobre uma pergunta feita para o meu eu ainda muito criança. Estávamos na frente da casa da minha avó paterna, reunidos em primos, todos mais velhos que eu, quando me questionaram: ‘Qual o seu maior sonho?’. A minha resposta, agraciada por uma ingenuidade que hoje me faz falta, foi crua: ‘ser independente’. É claro que na época eu sequer imaginava o que compreende a independência na adultice — contas, burocracias, medos e ansiedades — mas minha resposta foi recebida com grande surpresa por parte dos familiares, que julgaram ser uma resposta madura demais para minha idade. No entanto, hoje percebo que quando falava de independência, estava, na verdade, falando dos pássaros.

Desde que me reconheço como um corpo vivo que integra este mundo, convivo entre hábitos e gostos pouco comuns para um jovem aracajuano da minha idade. Sou alguém que pulou tanto as etapas da vida que o meu apreço ao passado soa quase como uma tentativa eterna de me despedir de algo de que nunca consegui me despedir. Por isso, proponho pequenos rituais a mim como forma de viver aquilo que nunca consegui propriamente. Ontem mesmo eu jogava *Tomb Raider 2*, de 1997. Eu devo admitir que jogar *Tomb Raider* durante os anos de pandemia tem me feito milagres à saúde. Consigo experienciar cenários que eu jamais veria em realidade (especialmente diante da perigosíssima circulação viral a que estamos submetidos), além de assumir o papel de um indivíduo muito mais capaz do que eu para aproveitar essas jornadas. Enquanto eu circulava entre as montanhas frias do Tíbet, aturdido pela sensação de isolamento emulada em uma vasta natureza hostil, fui capaz de sentir uma emoção extraordinária. Do topo das montanhas, eu via um céu azul que me cobria a cabeça e as formações rochosas pareciam grandes pedaços de coco. Abaixo de mim corria um rio de águas cristalinas e eu podia sentir o vento gelado tocar o meu rosto enquanto eu ouvia o canto dos pássaros ao longe.

Foi esse canto que me lembrou que já não conheço mais o céu.

Eu me emociono com facilidade quando presencio o voo dos pássaros no final da tarde. Algo no contraste entre seus corpos enegrecidos e a cor alaranjada que o céu assume a essa hora me comove de uma forma inexplicável. Meus olhos são testemunhas da imensidão do universo, e ela faz eu me sentir pequeno. O pavor que sinto é indescritível e tudo o que desejo é estar em casa antes que escureça. Às vezes eu olho no rosto das pessoas e penso ‘*you sense the same?*’, mas então o que te faria chorar em menos de dois

segundos? Emocionam-me os pássaros, mas também a arrogância.

No fim, acredito que não queria a independência dos pássaros, mas suas belezas.

Sobre a arrogância.

Está no polo oposto aos pássaros. Penso que todos os corpos que foram forçosamente socializados para serem corpos masculinos tiveram de passar por um processo de supressão de emoções. É claro que para mim isso nunca funcionou, afinal minhas emoções sempre foram muito maiores do que eu mesmo. Mas posso recordar inúmeras situações em que ouvi que ‘eu deveria engrossar a casca’. Ora, chorar porque alguém agiu de forma grosseira com você é uma bobagem. Hoje me pergunto: por que nunca pediram para as pessoas serem um pouco menos agressivas comigo? Por que exatamente o problema reside no meu sentir demais? Eventualmente nossa casca engrossa. Perceber-se vivo é um jogo de sentir e suprimir que nunca acaba. Mas o meu desafio é saber como eu posso continuar sentindo integralmente sem rumar a minha existência para a autodestruição.

É aí que chegamos a universos particulares. Abro um parêntese para roubar um conceito de um outro texto meu (não publicado) em que nomeio finalmente a ‘coisa’, chamando-a de Solidão, com S maiúsculo.

Digo:

“a Solidão [...] não era aquela solidão que cada um de nós, até você mesmo que está lendo essas linhas não brancas, conheceu no âmago de suas noites intranquílias. Era a Solidão que só você sabe qual é — aquela sobre a qual eu jamais saberei (e que só se realiza plenamente através da arte) — a solidão que para mim, é a música das ondas na praia, é o quadro branco rasgado pelas tintas de cores infinitas, é aquilo que eu, no ápice do meu absoluto egoísmo, chamo de meu, como a mosca voando, que em suas asas carrega

o peso da beleza singular de uma descoberta, como a descoberta de uma nova cor: impossível. Tudo aquilo que só eu construí, com minhas próprias mãos e cabeça dos outros, com a asa da mosca, impossível.”

Assim, vejo-me raro quando conheço a minha própria Solidão — um sentimento que se torna um caldo grosso quando, por exemplo, ouço Corin Tucker cantar com sua voz estridente e emocionada, quase como um pranto de raiva, “*What if I was right?*”.

E se eu estivesse certo?

Aos 2 minutos e 24 segundos dessa música, inicia-se um arranjo de guitarras que me comove profundamente. Eu enxergo e toco com minhas próprias mãos os pássaros de que tanto falei, surge a figura de uma modelo dos anos 90 com um cabelo estilo Chanel, muito preto, que me remete a uma figura materna. As memórias de uma vida que nunca vivi, mas que residem em mim, em algum lugar de mim que eu não consigo acessar, a não ser quando escuto essa dança entre Corin, Carrie e Janet. E eu olho desesperado para os lados, mostro a todos os meus amigos, pergunto-os: “Vocês enxergam? Vocês sentem tudo que sinto?”. Mas não há respostas. São lambidas no aço que eu nunca escutei em lugar algum, acordes geniais, mas que são completamente

devastados pelo silêncio. Não há livros sobre isso. Será sou louco e vejo coisa (cá sem aspas) onde não tem?

A resposta ao que sinto é solidão, com s minúsculo mesmo.

Concluo que o que quero mesmo é ser compreendido em meu sentir. Talvez eu não seja raro, apenas esteja no lugar errado. Mas mesmo isso já me torna raro. Há um sentimento que me é bastante recorrente, quando subitamente sou pego de surpresa por uma visão que me faz enxergar minúsculo. Vejo-me do alto, jogando uma obra de 1997, enquanto ouço uma banda de punk com o coração cheio de palavras enlouquecidas para serem expostas com a vontade de serem escutadas e, mais que isso, compreendidas. E eu penso: “será que existe mais alguém no mundo que esteja fazendo exatamente a mesma coisa que eu nesse exato instante?”. Muito provavelmente não. Claro que existirão aqueles que compartilharão semelhanças indiscutíveis, mas as circunstâncias de cada um são muito singulares. Ainda assim, minha mente insiste em querer alcançar essas pessoas. Onde estarão? Há 28 anos busco esta resposta.

Mas quando eu finalmente estiver certo, nada mais fará sentido.

VICTÓRIA RINÇON

Nos olhos de Berenice [conto]

Hoje eu chovi com o céu. Sei quem eu seria se um dia tivesse nascido.

Berenice veio me visitar essa semana e disse que pareço melhor. Sim, sou a cópia de um rato pelado, Berê! Ela me emprestou o batom. Lembra de quando a gente fez uma turnê? Achei que seria o início de algo.

Depois de meses de ensaio, o espetáculo é uma consagração. Você já deslizava no palco e eu precisava atuar duas vezes, uma para acreditarem na personagem e outra para não desconfiarem da atriz. Guardo o ingresso da estreia, um encarte da peça e três fotos manchadas.

Logo eu, que me resenti quando foi para o cinema, enceno um filme sem tela, de dois protagonistas em um corpo só. O câncer está me matando e eu quero matá-lo de volta. Vamos acabar em briga corporal até que sobre só um de nós. Você vai ver, Berenice, vai sair nos jornais.

Testemunhar a morte tem sido uma descoberta. Nunca tinha morrido antes. A fraqueza deixa a cena mal-editada, fora de foco, mas agarro as bordas da vida e tento manter a cabeça acima do nível da água.

Passo muitas horas neste quarto de uma cama sem casal. Dou vez a cada lado da espuma para que se gaste sem preferências e para que exista variação nos dias. Como os alimentos que mandam e tomo os remédios nas horas marcadas, mudo os canais da televisão, sem me fixar, folheio revistas velhas, espio pela janela e penteio a peruca que não gosto de usar.

Aos sábados, o grupo da igreja vem rezar o terço e ler um trecho da Bíblia. Vários jovencinhos que se alternam no ofício de visitar Dona Mira, a beata que definha. Unime a Deus na faixa dos 35, um som de sino em resposta a sussurros amontoados. Desde então, uso uma aliança prateada e não escuto provocações. A conveniência treinada virou intimidade verdadeira e Deus se tornou a Mãe a quem posso confessar.

“Quero trazer à memória aquilo que pode me dar esperança” (Lamentações 3:21).

A torneira da cozinha goteja, apertei o registro e algo rompeu. O pão embolorado repousa e o calendário está dois meses atrasado, sem que me interesse mudá-lo de posição. Acendo um incenso e o vejo queimar. Ensaio uma oração, mas o que pediria?

Berenice, existe um ressonar mudo que continua quando você vai. Seu marido sabe que esteve aqui? Um dia, você me disse que Antônio é o sofrimento que escolheu. Eu entendo, pois tolero certas dores também.

Borrifo água nas plantas do corredor, que ficam verdes e sem poeira. Coloco os dedos na terra úmida. Estão bem. Abro as cortinas e a claridade se deita por onde alcança. Berê, você leva para o seu apartamento quando eu descansar?

Pensar em Berenice é sentir uma delicada perturbação, o trançar da memória com a possibilidade. Quando ela fala, o mundo gira ao contrário.

Terminadas as apresentações, os meninos arrumavam, cada um, uma mulher da plateia e nós caminhávamos até a pousada. Se fazia frio, os braços se aninhavam e eu sentia seu cheiro de erva doce e colônia rala. Nas noites de calor, dávamos voltas pela cidade visitada. Nunca soube se era reciprocidade ou vaidade o que via em seus olhos quando flagravam os meus.

Vou até o escritório e ponho as mãos na estante de poucos livros. O espelho na outra parede simula uma companhia. Desafio minha imagem, enquanto elevo o nariz e projeto o queixo. Ainda estou aqui.

Queria ter netos para dar instruções como último ato. Ouviriam com atenção,

pois a palavra de quem sente na nuca o hálito do desconhecido tem um quê de feitiçaria.

Volto ao quarto em passos lentos, confiando meu peso à firmeza dos móveis.

Puxo da gaveta uma carta amarelada. Balanço a cadeira e abro o papel, que estala. O dia vai amolecendo e as crianças do bairro chegam da escola. A chuva segue caindo e as roupas no varal nunca vão secar.

Ligo o rádio. A voz de Rita Lee desata um sorriso.

"Eu não tenho hora pra morrer, por isso sonho".

Berenice, quando você volta com seus olhos de manteiga?

JULIO PATTIO

Tamanduá [conto]

Era um domingo quando ele chegou em Campo das Almas. Ainda não sabia, mas a estadia seria curta. Porém, os poucos dias no povoado arderiam como vinagre sobre a ferida. No seu caso, a ferida era a vida, aberta no coração por um mundo feito para poucos e enfrentado por muitos.

Logo encontrou o bar, que é onde a vida acontece nesse interior de Nosso Senhor. Não sendo dali, era onde saberia das notícias do povoado. Pagou umas cachaças e criou amizade rápido. Tinha a conversa boa, sem maldade. Disse o seu nome, mas todos se esqueceram. Às vezes não se lembravam nem dos nomes uns dos outros.

Procurou logo saber se tinha trabalho por ali. Ouviu que lugar para trabalhar tinha, mas era só um e para gente forte. As marcas na pele escura atestavam uma vida que era tudo, menos dada de bandeja. Como ele, existiam outros, infinitos, imponderáveis. Passou aquela noite nas cercanias do bar, debaixo dos pés de manga.

Levantou mais cedo que o sol. Na noite anterior havia ganhado oito dinheiros na sinuca, com o que comprou um cacho de bananas de um outro desterrado. Comeu duas ou três e jogou água na cara. Chegou na fazenda dos Lopes junto com os primeiros

clarões do dia. Apresentou-se direto ao encarregado brutamontes, que mais parecia uma gárgula.

O homem contou sua história, mas ninguém ouviu. Quando terminou o relato, pediu para trabalhar. Forasteiro aparecendo com uma mão na frente e outra atrás caía sempre muito bem. Tarefa só tinha uma, bater veneno na propriedade. Era pegar ou largar. A paga seria por bomba batida, na sexta-feira. Pouco, mas era o que tinha. Aceitou na hora e tratou de começar. Enrolou um pano na cara, vestiu a bomba e subiu para o cafezal.

Apesar de ser de plástico, a bomba era pesada, ainda mais cheia com vinte litros de veneno. Quem já carregou uma sabe, veneno pesa mais que água e tem que tomar cuidado para não entornar. Ele alongou a estrada e tomou o rumo do morro. Caminhava cauteloso, vigiando cada passo. Não fosse a roupa esfarrapada que vestia, o homem pareceria com um astronauta.

Fazia três viagens por dia. Um sobe e desce danado. Aproveitava para tomar água e comer uma banana, que era o que tinha. A vida cabia toda dentro daqueles dias, que se repetiam como um eco. Era terra que não acabava mais. O corpo transpirava tanto. Com a luz do sol o homem era uma sombra

que derretia. A camisa toda esburacada chegava a pesar. O cheiro de suor e de produto químico se misturavam.

Enchia a bomba sozinho, no paiol, junto do milho das criações. Dormia no tempo e comia qualquer coisa. Conhecera pior. O cacho de bananas acabou na quarta-feira. Já tinha passado fome mais de uma vez, mesmo assim temeu. Era importante se alimentar, ainda mais inalando tanto veneno assim. Para sua sorte existem anjos no mundo, um peão dividiu a marmita com ele nos dois últimos dias e ele terminou a semana de pé.

Sexta-feira chegou e o homem só pensava na paga. Ele trotava descendo o morro, igual menino em festa de Cosme e Damião. A bomba havia sido assimilada ao corpo, não pesava mais nada. Deparou-se com um exército de peões esperando para receber. Tantos rostos desconhecidos. Berraram em sua direção e ele passou à frente. O encarregado mal jogou um dinheiro amassado na sua mão e gritou com outro. Uma semana esperando por aquela paga. Uma semana engolindo respingo de veneno. Sabia quanto devia receber e na mão tinha menos. Voltou para o encarregado e se queixou.

Beija-flor bate rápido as asas, mas o tapa que ele levou na cara veio mais rápido ainda. Invisível, transparente, tanto para o tempo quanto para o espaço. Um homem forte caiu no chão. Coisa de outro mundo. O estalo fez os demais levantarem os olhos, mais por curiosidade mesmo, ninguém ia ser doido de se meter. Ainda meio bambo, conseguiu endireitar o corpo. Sacudiu a poeira e deixou a fazenda. Aquele não voltou mais em Campo das Almas. Nunca soube do desfecho de sua própria história.

O encarregado esqueceu do ocorrido em um instante. Sua cabeça estava tomada por planos para mais tarde. Era noite de seresta no bar. Não via a hora de gastar o dinheiro suado dos outros. Pagou cerveja, perdeu na sinuca, até um troco para as menininhas ele deu. Quando a boca da madrugada enfim engoliu tudo, ele tomou o rumo de casa. Ia torto igual vagem de ingá. O céu estava pintado em pura vermelhidão, anúncio de chuva para uns, mau agouro para outros. Errou o caminho, saiu da estrada e caiu dentro do mato.

Ali em Campo das Almas menino aprende desde cedo que mata não é lugar para todo mundo. Ainda mais na escuridão. Ainda mais bêbado. As árvores uivavam, os animais da noite berravam. Parecia um manicômio preparando-se para o espetáculo. Uma correria, uma balbúrdia. Algo definitivamente se arquitetava. Ele cismou com a noite e começou a gritar de volta. Estava estufado daquela prepotência dos tolos. Rosnou que estava armado de faca – mentira, tinha esquecido sobre a mesa de sinuca.

Lembrou-se do peão batedor de veneno. Só podia ser o homem. Tinha vindo atrás de vingança. Estava de tocaia em algum lugar ali no escuro. O encarregado não teve medo, afinal, era cabra de confiança dos Lopes. Ele podia tudo. Sentiu o inebriante gosto da maldade colando os lábios. O sangue chupava a cachaça que ele tinha bebido e a boca ia secando.

Ouviu um estouro, dois. Galhos caíam, árvores se desenraizavam. Um redemoinho de verde e negro, que não precisava de testemunhas para existir. Simplesmente era. O homem encontrou um ponto no escuro e centrou as vistas, firme, os olhos severos,

pareciam a mira de uma espingarda. Ele balançava o corpo feito bambu fino. Gritou mais uma vez, insultou o que não podia ver. Discerniu um vulto e fuçou a cabeça ainda mais no escuro. Sombras dançavam dentro dos seus olhos. Certeza que é o peão, está vindo rasteiro. Desembestou como o touro que engole a espada em sua derradeira dança da morte. Meio que sorriu, na verdade ele apreciava aquilo tudo. Experimentava um prazer físico fazendo mal aos outros.

Topou com um galho no caminho e rasgou a coxa, fundo, por pouco não chega

no osso. Ele só não ficou agarrado na árvore porque estava possuído pelo ódio do qual sempre bebera. O sangue esguichou. Foi como cutucar onça com vara curta, pois o homem multiplicou-se em frenesi. Por fim, tropeçou no tamanduá. Alheio à toda aquela cena, o animal sugava um formigueiro sem pressa. As unhas do bicho penetraram em sua pele feito os cravos em Cristo na cruz. A perna sangrava aos borbotões, mas ele nem resistiu, se deixou acasular. Com o sangue finalmente lavou a terra dos justos. Foi achado dias depois e enterrado em vala comum. Porque era o que tinha.

BRENDA K. SOUZA

O dia do porco [conto]

“O que esse menino babeja vendo, é sangrarem galinha ou esfaquear porco. – Eu gosto de matar...”

j. g. r

Os gritos denunciavam: candin havia sido finalmente encontrado. Cada vez que ele grunhia alto, os homens gemiam doutro lado da corda, como se o grito fizesse crescer no porco uma certa força. Uma força malfeita de natureza que dava a ele a possibilidade de fincar os pezinhos reimosos no barro, sem que isso lhe garantisse alguma resistência ao próximo passo. No entorno, nenhuma cobra sibilava sua presença; as galinhas postaram-se nos poleiros improvisados, às pressas; as mulheres descansaram as vassouras, calaram-se; os bois comiam lá longe o sal no cocho; urutau nenhum havia que pudesse dizer: “é aqui que o dia termina”. Tudo parecia enlameado, sujo pelo grito: os bichos, as laranjeiras, a terra solta, a corda esticada repetia um som sem fim, longo em duração. Ao se aproximar da casa com o dito-cujo, paizinho gritou para que levassem os meninos todos pra dentro. As mãos das mulheres tentavam nos alcançar, um a um. Afinal, bastasse o bicho ter nome, não precisava daquela plateia miúda para testemunhar o sacrifício. As crianças todas fechadas num quarto. Pronto. Era a hora de juntar os coités e esperar a fervura da água sobre o fogareiro malajambrado.

Cada mulher da casa deu aos próprios olhos e mãos um ofício, uma ocupação qualquer, para que os sentidos não fossem traídos por alguma vontade não dita de sangue. Matar é coisa de homem, pra mulher sobra cozinhar a morte aos pouquinhos. candin ainda gritava alto quando o meu pai o acertou com um ferro na cabeça. O bicho resistiu à pancada, cambaleou, amiudou o choro como quando se queima a barriga na asa de uma panela quente no fogão. Meu tio tomou o ferro das mãos de papai, acusou-o de ter pena. “ – dê cá esse porrete! Matar é coisa de homem. É coisa de homem!”. Também, era nisso que dava inventar de dar nome ao porco. Agora, tinha-se dó. Ouvi mais de uma vez, impaciente, que não olhasse o animal nos olhos. Não se deve encarar aquele a quem se mata, sob pena de se desistir da empreitada, ele dizia enquanto limpava a baba amontoada no canto da boca. Que fizesse de tudo, mas não o encarasse. Se sabe que vai morrer, o bicho pragueja pelos olhos. Detrás da casa, escondida entre o capim roçado, fui tomada por um medo violento como se, pela primeira vez, alguém tentasse botar as mãos num lugar em mim ainda sem nome. Eu encarava os olhos do bicho; não poderia evitar. Como não olhar o que morre? Ele me olhava de volta. Estaria ali tomada pela praga? Meu tio

deu-lhe uma segunda pancada. Os olhos grandes e chorosos esmaeceram, encheram-se de vermelho; nos víamos um ao outro.

Com a morte tida como acabada, os gritos enfim cessaram. Nada mais furava o silêncio. Nem mesmo a faca que deslizava sobre pescoço para fazê-lo sangrar todo. A poça de sangue que se formava em pequenos jatos abaixo de sua cabeça ia aos poucos sendo engolida pela terra. Como o porco, não há o que se dê de comer à terra que ela rejeite. Aos poucos a faca buscava outro destino, abria caminho entre o pescoço e a barriga, expunha-lhe os órgãos, que eram retirados dali um a um. A pele grossa partia-se feito a queda de uma fruta muito madura. Nas mãos grandes de meu pai, o que fazia respirar o porco a pouco pulsava ainda. Por um minuto, o coração nas mãos. Senti ali o meu próprio enquanto desejava que uma força qualquer tombasse minha cabeça ao chão. Ou que o sol de fim de tarde fosse luminoso o suficiente a ponto de me dar de presente uma cegueira. Enquanto meu pai erguia o coração e o aproximava aos olhos, inspecionando-lhe cada centímetro, sentia que aquilo exercia em nós dois um mesmo fascínio. Eu também segurava o coração de um porco e, agora, erámos nós dois menos estranhos um do outro.

Aos poucos, as carnes eram separadas dos ossos; a gordura e a pele, reservadas. Os pés, as orelhas, o focinho eram também dispostos noutra canto, numa coité grande. A perna, cortada inteira, denunciava o rastro perfeito percorrido pela lâmina que, como mágica, fazia a inteireza do corpo sucumbir. Carne e faca abrigavam no íntimo um mesmo destino, um lugar de partilha, um calor, a cumplicidade de um crime.

A carne partida convocava agora às mulheres ao trabalho e me tirava do transe em

que a morte até a pouco me colocara. Solicitavam-me lenha. Dali em diante, estava destinada ao meu ofício de mulher pequena: alimentar o fogo. Os pastos, sob a pequena réstia de luz do dia, permaneciam calados, mesmo que a noite nos meios dos matos nunca chegue assim sem barulho, sem aviso. O cheiro da gordura espalhava-se longe. Aos poucos, o amontoado de partes era dividido. Os ossos serviriam para dar gosto às sopas; a gordura, para preparar a comida pelos longos meses que se seguiriam; os pés, orelhas e focinho seriam cozidos no feijão preto num domingo de festa; as pernas, assadas em brasa; o sangue não engolido pela terra e aparado no prato seria transformado pelo fogo e comido por muitos de nós; as costas seriam fatiadas em bifés; a pele, por fim, acompanharia a farinha e a cachaça até que, empanzinado, o bucho trouxesse a pequena morte dos vivos: um sono profundo.

Não consegui comer nada que a existência do bicho tivesse tocado. Não por piedade, assombro, ou por que tínhamos lhe dado um nome.

Dormi naquela noite de barriga vazia.

No sonho, o dia do porco se repetia, como viria a se repetir outras tantas noites. Às vezes, trocávamos de feijão, o bicho e eu. O corte se dava em ambos, a pele partia-se igual, os pezinhos também não davam conta de se plantar com força à superfície da terra para assegurar a sobrevida antes do abate. Sempre dormia e acordava dessa mesma caçada: de uma morte que se repetia nos fazimentos do dia, nos silêncios, num coração esquadrinhado nas mãos de alguém. E se surrada no dia seguinte, tudo que me acontecia era o porco, e, como ele, eu grunhia, sussurrava alto até : “na cabeça não, papai”.



PEDRO JUCÁ

Amanhã Tardará [romance – trechos]

Na expectativa de quebrar o silêncio, ele se atrapalhou e me perguntou o que eu estava fazendo em Ourives. Seu rosto lívido voltou a ganhar um pouco de cor, corando de vergonha. Tratava-se, afinal, de uma resposta óbvia. Eu me virei para minha mãe e, em uma aposta cômica, disse que era porque ela tinha perdido a mão para fazer bolachas, então eu tinha vindo salvar a família daquela tragédia. Falei isso e, sem saber como levar a conversa adiante, pisquei para meu pai à maneira de um adulto que conta piadas a uma criança.

Ele se desarmou e ensaiou um começo de gargalhada entrecortada de tosse. Aquilo nos enlaçou em um pacto invisível, no qual ambos aceitamos a inversão de nossos papéis: no passeio de carro metafórico, quem assumiria o volante seria eu - quem ocuparia o banco de trás, se aproveitando da trepidação mecânica para adormecer, seria ele. Filho de mim, meu pai seria um melhor pai do que havia sido durante toda a vida, vida que, sabíamos, logo encontraria um fim.

Ao longo das semanas que se seguiram, a atmosfera daquele novo tipo de intimidade ganhou consistência. Não houve diálogo redentor, nenhum monólogo expiador de culpas, nem nenhum espaço para coisas agora frívolas, como reminiscência, perdão ou reencontro. A morte tem o condão de

imediatizar a vida: passado e futuro se fundem e evanescem numa mesma desimportância, e, disso, só resta o que é premente e atual.

pág. 112

À época, pensar nisso era insuportável para mim, e eu precisava constantemente me convencer de que aquele não era eu. Hoje, entretanto, fiz as pazes comigo. O herói que não caiu é apenas o covarde que se esqueceu da derradeira virtude da gente comum: encarar a própria carestia moral não como uma transgressão, mas como um desencargo da opressão da expectativa.

A verdade, portanto, é que uma parte de mim se comprazia no banimento social de Inês. A um só tempo, isso me garantia a sua companhia e o atestado que, se ela também era menosprezada, talvez eu não fosse tão desajustado.

Nunca tomei atitudes que pudessem tornar mais agudo o sofrimento de minha irmã, nem fiz nada para minar ainda mais sua reputação perante os colegas, porque eu também sofria com ela. Quis chorar a cada zombaria ou comentário maldoso que teve que ouvir. Apesar disso, nunca nem abri a

boca para defendê-la. Por que tamanha surpresa, portanto, ao vê-la se rendendo a Miguel?

Eu havia sido um mau comparsa, e foi essa a culpa que, por muitos anos, mascarou

aquela outra, mais rasteira, que tinha a ver com minha escaninha satisfação diante do sofrimento de Inês.

Pág. 138



**EVENT
REN
AVA
LHA**

WILLIAM ELOI entrevista **JOSÉ NASCIMENTO**

com colaboração de
Itaércio Porpino

“É daí do teu lugar, Ipanguaçu.”

Eu não nasci nem moro em Ipanguaçu, mas entendi o que o poeta sergipano Aliedson Lima quis dizer. Eu não conhecia José Nascimento. Nunca tinha ouvido falar em José Nascimento. Encontrar José Nascimento foi algo inesperado, pois o que tem valor não fica por aí de bobeira – do mesmo modo quando andamos distraídos chutando tampinhas e de repente damos com algo de valor, levamos ao bolso e nos perguntamos: como é que ninguém viu isso aqui antes?

Foi esse mesmo pensamento que eu tive ao ler José Nascimento. Que achado! Nenhum outro autor do Rio Grande do Norte, estado onde moro e me criei, me impressionou tanto quanto ele, com seu livro de contos “A noite dentro de nós”. O livro foi publicado em 2022 pela Urutau, e é sua estreia.

WILLIAM ELOI – Quando e por que você decidiu ser escritor? E de que forma e em que medida você se dedica à atividade literária?

JOSÉ NASCIMENTO – Comecei a criar histórias em quadrinho de forma artesanal e amadora quando tinha catorze, quinze anos, apenas com papel A4 e caneta esferográfica. Depois, passei a escrever contos, mas sem qualquer pretensão, apenas por uma certa vontade de invenção, como uma brincadeira. Os grupos do Facebook me ajudaram a encontrar outros escritores iniciantes, que me fizeram compreender melhor o que eu estava fazendo, e em 2019 fui menção honrosa em um concurso literário em Portugal. O júri era muito bom. Por exemplo, Antônio Carlos Secchin, poeta, membro da ABL, fazia parte. Então decidi levar mais a sério o que escrevo. De todo modo, não tenho rotina de escrita. Escrevo quando posso e quando sinto que tenho uma boa ideia.

W. E. – É interessante saber que você não tem uma rotina de escrita, pois isso desafia a ideia comum, muitas vezes promovida em cursos de escrita criativa, de que um autor deve escrever todos os dias, e também contrasta com a imagem que eu tinha de você como uma pessoa

muito metódica. Já eu sou o cara mais esculhambado que conheço e meu método de escrita é completamente caótico. Gosto de pensar que cada um tem sua dinâmica e maneira próprias, e o que muitas vezes funciona para um não funciona para outro. Como você enxerga essa questão?

J. N. – As discussões técnicas que ocorrem nos cursos de escrita criativa são muito importantes, principalmente se você chega apenas com a intuição. Mas nem tudo serve para todo mundo, imagino. Não gostaria de escrever por obrigação, como quem bate o ponto e trabalha oito horas por dia, embora muita gente defenda uma rotina rígida de escrita. Quando não escrevo, escuto música, leio. São atividades que me deixam em estado de alerta, por assim dizer. Quando escrevo e gosto do resultado inicial, releio e reviso muitas dezenas de vezes, até me esgotar. Depois, volto com outro (s) ciclo (s) de revisões. Esse é meu método. Porém cada um deve procurar o seu.

W. E. – **Como foi a gestação de “A noite dentro de nós”? Desde o início você tinha a ideia do todo, ou só foi tendo essa noção no processo de escrita dos contos?**

J. N. – Eu tinha alguns contos dispersos em que personagens angustiados viviam situações bastante críticas e percebi que isso

poderia ser o fio condutor para um livro de contos. Escrevi outras histórias e, após um longo tempo de sucessivas reescritas, tive a alegria de ser publicado pela Editora Urutau.

W. E. – **Recebi “A Noite dentro de nós” com surpresa, uma agradável surpresa. O que mais me chamou atenção nem foi a escrita refinada, mas ver que, de fato, eu estava lendo um ficcionista, e não alguém fazendo relatos episódicos de sua vida, o que é bem comum entre contistas iniciantes – e isso eu confesso que me desagrada. Mas, enfim, fale um pouco sobre o caráter ficcional de sua escrita, o quanto criar é importante para você.**

J. N. – Não sei tocar, não sei pintar. Preciso escrever. Busco representações de outras realidades quando escrevo, outras dicções, outros ritmos. No fim, como nos alerta Ernesto Sabato, apesar de essa tentativa de alteridade, o ser humano é sempre o mesmo: medo, angústia, remorso, alguma esperança.

W. E. – **Quando você diz que não sabe tocar nem pintar e, por isso, precisa escrever, transmite a clara ideia de que a arte é uma necessidade vital para você. É esse o seu sentimento em relação à escrita – de sede e de fome?**

J. N. – Acho que sim, tanto que não consigo ficar muito tempo sem escrever. É uma

necessidade verdadeira, já que ninguém em são juízo espera rios de dinheiro e fama ao escrever.

W. E. – O que também pude perceber em seus contos é que as ações se passam no comum do dia a dia, e você sempre se preocupa em captar as fissuras da realidade – como se estivesse com uma lupa o tempo todo. Sabendo que Cortázar, nome associado ao realismo fantástico, é um dos escritores que o influenciam, fico curioso em saber no que exatamente ele te inspira e quais outros autores/artistas exercem influência sobre você e de que forma isso se dá.

J. N. – É verdade, Julio Cortázar é uma referência para mim. A escrita de Cortázar tem uma sinuosidade muito bonita, um swing, como ele preferiria dizer, que me encanta. Há outros escritores que, por diferentes razões, estão constantemente comigo, como Dalton Trevisan, Graciliano Ramos, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Ferreira Gullar, William Faulkner. Como sou apaixonado por quadrinhos (que vão muito além de enredos sobre super-heróis), gostaria de citar também Tiziano Sclavi e Giancarlo Berardi. Claro, não tento copiar o estilo de nenhum deles, mas são referências no sentido de que me ensinam muito.

W. E. – Interessante que você tenha citado os quadrinhos, porque para a minha geração – gente de seus quarenta, cinquenta e poucos anos – as histórias em quadrinhos foram uma espécie de porta de entrada para a literatura. Particularmente, não sei se teria me interessado por literatura sem a influência de autores como J. M. DeMatteis, Alan Moore, Neil Gaiman e Grant Morrison. Obras como *Watchmen* e *Moonsadow* foram muito relevantes para mim nesse sentido. Claro que os quadrinhos são uma arte em si, com sua linguagem e seu valor, mas me parece que também cumprem esse papel de porta de entrada para a literatura. Bem, é um pouco assim que eu vejo. Isso faz algum sentido pra você?

J. N. – Eu concordo, é uma grande Arte que pode servir de porta de entrada para a literatura. Uma das minhas melhores recordações é minha vó chegando com uma caixa cheia de quadrinhos para mim e meus irmãos. Havia na caixa tanto Turma da Mônica quanto faroeste, como Tex, Zagor e Ken Parker. Mas existe um forte preconceito contra quadrinhos. Parece, do ponto de vista de algumas pessoas, que se trata de uma arte menor, de uma leitura menor. Mas se alguém ler *Escuta, Formosa Márcia*, do brasileiro Marcello Quintanilha, por exemplo, vai perceber que não é bem assim.

W. E. – Posso estar delirando, mas vi um quê de cinema no seu trabalho, uma coisa de roteiro mesmo. A Sétima Arte te influencia de alguma maneira, uma vez que, assim como os quadrinhos, tem uma forte conexão com a literatura?

J. N. – Infelizmente, sou leigo em cinema e me limito a assistir a alguns filmes por ano. Mas algumas influências são implícitas para os autores. Quem sabe?

W. E. – Costuma-se criticar que o “brasileiro médio não lê”, mas também é verdade que falta incentivo governamental para a formação de um público leitor. Os livros são caros e muitas vezes festivais literários cobram taxas inviáveis a editoras independentes para que elas possam expor e vender seus livros. Além disso, os grandes prêmios literários no Brasil também impõem taxas significativas aos autores. Como você vê toda essa situação?

J. N. – As pesquisas sobre leitura e venda de livros mostram números desanimadores, mas não creio que a situação seja provocada principalmente pelo preço do livro, para ser sincero. Se quiser, a maioria consegue, com muita facilidade, recorrer a sebos, pequenas livrarias, sem falar em aplicativos que vendem

livros usados, de modo que você consegue comprar um livro por vinte reais, por exemplo. O que acontece, a meu ver, é que o livro ainda é um objeto estranho nas casas. E se os pais não leem, dificilmente a criança se interessará por livros. Como se não bastasse, parece que o livro vem perdendo espaço para canais de streaming, para as redes sociais. Sobre os festivais, tendo a acreditar que são eventos elitistas, que reforçam o estereótipo do intelectual na torre de marfim. Gosto de pensar em uma literatura em que o povo esteja mais presente, sem pedantismo.

W. E. – Para encerrar, queria que você falasse como foi a experiência de ter um livro publicado, se está trabalhando no próximo e o que vai ser.

J. N. – Ler meu nome na capa de um livro de uma editora como a Urutau me fez pensar que devo continuar. Talvez signifique que o que escrevo não é assim tão ruim, apesar de minha autocrítica severa. Sou muito autocrítico. Um exemplo disso é que hoje só gosto de quatro ou cinco contos dos catorze que foram publicados no livro. Ainda não sei quando vou publicar o próximo. Precisaréi de alguns anos, provavelmente. Desde que *A Noite* foi publicado, descartei muitos esboços e escrevi apenas três contos. Só sei que será mais um livro de contos.

NAVVA
LH
IS
TA
S



Evandro Affonso Ferreira é autor de vários romances, entre eles: *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (Record – Prêmio APCA Melhor Romance); *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (Record – Prêmio Jabuti Melhor Romance do Ano); *Não tive nenhum prazer em conhecê-los* – Record – (Prêmio Bravo! Melhor Romance do Ano); *Nunca houve tanto fim como agora* – Record – Prêmio Machado de Assis, Biblioteca Nacional, Melhor livro do Ano e Prêmio APCA Melhor livro do ano.

Duda Junqueira. Nascida em Jundiaí, interior de São Paulo, ao sol de Libra e em 2003. Graduanda em Direito pela PUC-SP, escritora e dançarina de pole dance. Eternamente apaixonada e super supersticiosa. Faz colagens e criações livres em seu blog fumante passiva. Publicou o livro *se uma árvore cai* pela Editora Patuá, em 2022. *Nada mais será sagrado* é seu segundo livro de poemas. Saiba mais, talvez, em @dudajunqueira.

Brenno Costa é um poeta e dramaturgo carioca. Escreveu o livro *poemas de uma quarta-feira* (clube de autores, 2016) e mais de 20 peças de teatro, dentre elas: a rua k, os lúcidos enlouquecem mais e entre moscas, whiskys e hotdogs. *Samba mudo* é seu novo livro de poesia, e acaba de sair pela Editora Urutau.

Mariana Artigas é curitibana, graduanda em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Aventurou-se pelo universo do teatro e atuou como estagiária na área de mediação de leitura. Teve o seu primeiro livro de poemas, *Ossatura sutil*, publicado em junho de 2022 pela Editora Urutau. Artigas já colaborou com diversos portais de poesia. Além disso, seus poemas podem ser lidos em revistas literárias nacionais e internacionais.

Gisela Maria Bester é escritora gaúcha nascida em 1968, radicada em Curitiba e em Palmas/TO. Autora das letras jurídicas e literárias (poeta livre, haicaísta, cronista e contista). Possui Mestrado em feminismos, sufragismo e ações afirmativas, Doutorado em ditaduras brancas e Pós-Doutorado em sustentabilidades. Seu livro *Pinte-me de Azul!* (Mondru) é finalista no Prêmio Literário da Cidade de Curitiba 2024. Vencedora do 38.º Prêmio Yoshio Takemoto de Literatura 2024 (Haicai). Teve conto de humor destaque e crônica finalista nos Prêmios Off Flip de Literatura 2023. Cuida de plantas, bichos, gentes, águas, e do planeta, que sempre aparecem em seus textos. @giselabesterescritora

Humberto Pio nasceu no ano de 1972 em Mantena, foi criado em Mococa. Desde menino desenha e escreve. Adulto, mudou-se para São Paulo e se fez arquiteto, sem abandonar o poeta. Sócio-fundador do Estúdio Risco, hoje é também professor. Autor da epopeia infantojuvenil *Leocádia* (Papel do Mato Oficina Tipográfica, 2023), da plaquete *OFIC I ÓCIO* (Editora Primata, 2023) e dos poemários *Provisório* (Ofícios Terrestres Edições, 2023), *Talagarça* (Editora Reformatório, 2021) e *Coágulo* (Editora Reformatório, 2019) – vencedor do Prêmio Maraã de Poesia 2018. Sua obra integra diversas coletâneas e revistas.

Adriana Massocato nasceu em 1980 em Estrela d'Oeste (SP) e desde 2017 vive à beira da Lagoa dos Patos (RS). Tem formação em Psicologia e Psicanálise. É autora de *Da queda enquanto voo* (2023, Urutau).

Vitória Gabriela (2002-) é autora de *Por osmose* (Ed. Fomento Literário, 2022), cronista e colunista na Escrita Brasileira, possui material disponibilizado on-line independentemente e também em diversas revistas e sites. Facilmente encontrada 'escrevendo em traços' (@vivoserpidos (Instagram)) e de pintura.

Mariana De Maria é Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e atualmente trabalha com formação continuada de professores na rede pública estadual de São Paulo. As reflexões em torno da História e da Literatura influenciam diretamente sua produção de colagens e poesias em um diálogo constante entre tempo, memória, nostalgia, esquecimento, acontecimento, restos e ruínas.

Izis Dellatre faz tradução, também filosofia.

Matheus Peleteiro, nascido em Salvador – BA em 1995, escritor, advogado, editor e tradutor, Matheus Peleteiro publicou em 2015 o seu primeiro romance, *Mundo Cão*, pela editora Novo Século. Após, mais sete obras, dentre as quais se destacam as coletâneas de contos “*Pro Inferno com Issó*” e “*Nauseado*” (2017 e 2021); a distopia satírica “*O Ditador Honesto*” (2018); as coletâneas poéticas intituladas “*Nossos Corações Brincam de Telefone sem Fio*” e “*Caminhando sobre o fogo*” (2018 e 2020), e a tradução do livro “*A Alma Dança em Seu Berço*”, (Editora Penalux, 2018), do premiado autor dinamarquês, Niels Hav, que assinou ao lado do tradutor Edivaldo Ferreira. Também organizou e editou a coletânea de contos “*Soteropolitanos*” (2020); disponibilizou, de forma gratuita, o conto “*O último a sair, por favor, apague a luz e me deixe aqui*”, como forma de protesto, em todas as plataformas digitais, e produz o podcast 1Lero, onde realiza entrevistas com expoentes da literatura contemporânea.

Luciana Moraes é poeta, graduada em Letras pela Unirio, revisora e tradutora literária. Integra os coletivos “Fazia Poesia” e “Escrevíveis”, pesquisando o hibridismo nas artes extemporâneas. Em 2023, foi tardiamente diagnosticada com TEA. Há publicações e traduções de sua autoria em revistas como “Athena” e “Cronopio”, no portal “Fazia Poesia” e na editora Fictícia. Presente em diferentes projetos poéticos, como na “Versão brasileira: a voz da mulher” (2023, Prefeitura - RJ) – e “Coletânea Off Flip de Literatura – Poesia” (2023, Paraty - RJ). *Tentei chegar aqui com estas mãos* (2022) e *Flor de sangue* (2024).

D.B. Frattini, Natural de Pouso Alegre, Minas Gerais. Graduado pela FEBASP (Faculdade de Belas Artes de São Paulo) com especialização em FECA (Fundamentos Estruturais da Composição Artística); graduado pela UNIRIO e Casa de Artes das Laranjeiras em História do Teatro; especialista em Commedia Dell'Arte junto ao Teatro Tascabile Di Bergamo com orientação de Renzo Vescovi. Dramaturgo do Grupo Boi de Mamão (autor de “*Friar*”) e da Theatris Foliis Andracômicas (“*Rainha Metálica*”, “*O Diamante Cor-de-Rosa*”, “*Farsa de Inês Pereira*”, “*O Tribojê*”, entre outros). Mestre em FECA e Treinamento de Ator com Máscaras,

atuou em várias universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Aposentado em 2015. Atualmente dedica-se apenas à literatura, participou da coletânea de contos sobre luto e morte “*Abraços Ausentes*” (Editora Letraria, SP, 2020), publicou o livro de contos “*Bofetada e Êxtase*” (Editora Autografia, RJ, 2022), é autor do romance “*Meninos Suspenso*” (Editora Patuá, SP, 2023) e “*História de H.*” (Editora Patuá, SP, 2024).

Thainá Carvalho é escritora e colagista sergipana. É criadora da Revista Desvario, uma publicação digital sem fins lucrativos voltada à difusão da literatura contemporânea criada por mulheres. Lançou, pela Editora Penalux, os livros de poesia “*As coisas andam meio desalmadas*” (2020) e “*O Amor em breve anatomia das horas*” (2021). Organizou, junto com Amanda Reis, a antologia de poetisas sergipanas “*Passos da pedra ao mar*” (2020). Já publicou em revistas e portais como toró editorial, Jornal Rascunho, Portal Não Me Kahlo, Ruído Manifesto e A Estranhamente. Mais informações no seu site www.oxentethaina.com.br ou instagram @oxente_thaina.

Yann Maia nasceu em 1993, na cidade de Aracaju, Sergipe. Quando escreve, explora os limites das relações humanas, partindo de uma busca por entender a origem dos incômodos que nos atravessam em situações corriqueiras ou absurdas. É autor do livro de poesia *Invólucros* (Editora Caravana, 2024) e do livro de contos *A carne entre dois ossos* (Editora Urutau, 2024). Atualmente, realiza pesquisas com foco nas relações entre a Literatura e outras artes, num doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe. Além disso, é músico e fotógrafo amador.

Victória Rincon, contista terminando seu primeiro livro de contos. Vencedora do Prêmio “O Fundador”/2014, promovido pela Academia Norte-riograndense de Letras em convênio com o Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo. Autora de contos publicados no Jornal Online do RN.

Julio Pattio, nascido no norte quente capixaba, na cidade de Colatina, junto ao leito do assassinado Watu. Foi punk e anarquista, produziu zines e ocupou casas. Passou a maioria de sua adolescência trocando cartas. Formou-se em Filosofia pela UFMG, logo em seguida deixou o Brasil. Mestre e doutor em filosofia do Renascimento pelo CESR – Tours (França) pesquisa ontologias e epistemologias decoloniais. Vive em Berlim, mas sonha em voltar para casa. É fascinado por poesia iraniana. Sua terapia por escolha é cozinhar. Atualmente está correndo atrás de publicar seu primeiro romance e trabalhando em um volume de contos.

Brenda K. Souza (1992) é professora, pesquisadora e escritora, autora do livro de poemas *Ebó* (2021) e de outros textos esparsos publicados em jornais e revistas literárias. Além disso, é editora da Revista Cupim, doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília e mediadora da palavra em oficinas de escrita criativa. É natural de Pirapora- MG, cidade-guia por onde ainda passa um rio.

Pedro Jucá nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1989. Morou na capital cearense até 2018, quando migrou para o Paraná, no sul do país, para ser Procurador do Estado. O cearense é formado em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pós-graduado em Escrita Criativa pela Universidade de Fortaleza (Unifor), e pós-graduando em Psicanálise, Arte e Literatura pelo Instituto ESPE. Do processo de isolamento durante a pandemia, nasceu o livro de contos *Coisa Amor* (Editora Urutau) de Pedro Jucá, publicado em 2022. O autor já foi contemplado com prêmios como o Prêmio Ideal Clube de Literatura, Prêmio Off Flip e Prêmio de Literatura UNIFOR. “*Amanhã tardará*” (Editora Planeta do Brasil, 320 págs.) é o primeiro romance e segundo livro do escritor cearense Pedro Jucá, nome que ascende na literatura brasileira contemporânea. Inaugurando linha de autores nacionais do selo Tusquets, da editora Planeta, a obra traz uma profunda reflexão sobre as complexidades das relações familiares e as marcas indeléveis que a infância deixa sobre o desejo, a sexualidade e a percepção do tempo.

William Eloi nasceu no Guarujá, litoral de São Paulo, e ainda criança se mudou com a família para Natal, capital do Rio Grande do Norte. Criou-se potiguar. Tem a escrita como necessidade vital, e nela o terno e o trágico muitas vezes são postos lado a lado, como é na vida. Observador contínuo do cotidiano, confronta os limites do ficcional com o biográfico, revelando muitas vezes as pequenas-imensas tragédias que nos rodeiam – marcas presentes em seus quatro livros: *Notas suicidas* (romance, 2013 / Urutau, 2024), *A vertigem seguida da náusea* (contos, 2019), *Crônicas do meio-fio* (2021) e *A calçada* (contos, 2022). Participou, com dois contos, de uma antologia nacional de Sci-fi, 2084: *mundos cyberpunks*, publicada em 2019 pela editora paulista Lendari.

José Nascimento participou da coletânea *Literatura e Cultura em Tempos de Pandemia* e publicou o livro de contos *A Noite dentro de Nós*. É fundador e administrador do grupo Amantes da Literatura no Facebook, que reúne mais de 170 mil leitores.

**A cada Navalhista que somou
nesta edição;
a cada leitor que leu nossos
textos;
a todo mundo que nos ajuda
a propagar boa literatura,
compartilhando com o outro
essa experiência:
nosso muito obrigado!**

**Sem vocês, a Revista não teria
razão para existir.**



Revista
O NAVALHISTA

**Siga-nos no instagram [@revista.onavalhista](https://www.instagram.com/revista.onavalhista) e fique
por dentro das próximas chamadas, para novas edições
e/ou outros projetos. Além de todo o conteúdo que sai
diariamente em nosso site www.revistaonavalhista.com**